

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

Rosinara Oliveira

**EXPLORAR E CRIAR COM MATERIAIS:
Práticas expressivas na educação infantil**

Porto Alegre

2012/2

Rosinara Oliveira

EXPLORAR E CRIAR COM MATERIAIS:

Práticas expressivas na educação infantil

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do curso de Pedagogia – Licenciatura da faculdade de Educação da universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:

Profa. Dra. Susana Rangel Vieira da Cunha

Porto Alegre

2012/2

A meu marido Rodrigo, que me incentivou,
mostrando-me uma vida que me parecia impossível.

Agradeço à todos aqueles que de uma forma ou outra foram importantes para o desenvolvimento de meus processos de criação, e a Susana Rangel Vieira da Cunha, minha orientadora, que me acompanhou e mediou minhas aprendizagens.

*[...] Vai voando
Contornando a imensa
Curva Norte e Sul
Vou com ela
Viajando Havaí
Pequim ou Istambul
Pinto um barco a vela
Brando navegando
É tanto céu e mar
Num beijo azul... [...]*

Toquinho

Resumo

A pesquisa “**Explorar e criar com os materiais: práticas expressivas na educação infantil**” teve como ponto de partida as minhas experiências docentes durante o curso de Pedagogia, onde constatei o desinteresse das professoras em relação às ações pedagógicas de artes visuais na educação infantil. Neste trabalho parto do pressuposto de que a manipulação de diversificados materiais expressivos é fundamental para o desenvolvimento dos processos de criação infantis. Como referências, foram utilizados os estudos sobre exploração de materiais e formação de professores (CUNHA, 2002 e IAVELBERG, 2003), pois entendo que as aprendizagens no campo das artes visuais acontecem através de explorações e descobertas das crianças e que as mediações provocativas das professoras são fundamentais nesses processos. A investigação foi realizada em uma turma de jardim de uma escola infantil da cidade de Canoas. Por meio de entrevista semi estruturada com a professora, busquei entender as concepções de ensino de arte e suas ações pedagógicas, se há intenções de exploração de materiais expressivos e como acontecem suas ações. Durante as observações também focalizei as crianças: em como elas interagem com as propostas da professora. Foi possível constatar que as aprendizagens acontecem durante as interações das crianças com os materiais e entre elas. No que se refere às ações pedagógicas da professora, notei que as ações poderiam ter sido mais exploradas de maneira a desenvolver os processos de criação infantis.

Palavras – chave: ensino de arte, educação infantil, materiais expressivos, processos de criação

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1: Crianças em produção com tinta..... | 23 |
| Figura 2: Aluna desenhando com giz branco no papel camurça preto..... | 26 |
| Figura 3: Alunos em atividade com massinha de modelar..... | 28 |
| Figura 4: Atividade de pintura..... | 30 |
| Figura 5: Antônio pintando a mão em interação espontânea com o material..... | 31 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 2 | MEMÓRIAS QUE ME IMPULSIONARAM A INVESTIGAR..... | 11 |
| 2.1 | DAS INQUIETAÇÕES ÀS PRODUÇÕES..... | 14 |
| 3 | CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA..... | 17 |
| 3.1 | PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS..... | 18 |
| 4 | ANÁLISES E REFLEXÕES..... | 19 |
| 4.1 | A PROFESSORA..... | 19 |
| 4.2 | AS CRIANÇAS DA TURMA..... | 23 |
| 5 | ESPLORANDO OS MATERIAIS..... | 28 |
| 5.1 | <i>“É muito bom sentir a tinta...”</i> | 30 |
| 5.2 | <i>“Falta os olhos e a boca...”</i> | 33 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES..... | 36 |
| 7 | REFERÊNCIAS..... | 39 |
| 8 | APÊNDICES..... | 41 |
| 8.1 | Apêndice 1- ROTEIRO DA ENTREVISTA..... | 41 |
| 8.2 | Apêndice 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO..... | 42 |

1 INTRODUÇÃO

Criar... Não são todas as pessoas que se sentem à vontade ao criar. Para algumas é mais difícil, para outras mais fácil, mas sempre é preciso pensar um pouquinho antes do que for realizar.

Falo em criatividade... Algo inato do ser humano? Dom? Competência? Qualidade possível de ser exercitada? São diversas as hipóteses deste tema... Não vejo a criatividade como um dom, acredito na possibilidade dela ser desenvolvida. Neste trabalho trago a exploração de materiais expressivos na educação infantil como uma possibilidade para desenvolver os processos de criação.

A necessidade de discutir esse tema surgiu das minhas experiências docentes. Durante o curso de Pedagogia constatei o desinteresse das professoras em relação a planejamentos e ações pedagógicas no que se refere ao ensino de artes visuais. No estágio curricular obrigatório realizado em uma turma de Jardim, priorizei a exploração de materiais e pude perceber, mesmo que em um curto período de tempo, como essas práticas auxiliam nos processos de criação infantis. Em poucos meses as crianças já demonstraram maior interesse nas interações com materiais, e também maior facilidade nos processos de criação. Os materiais desencadearam outros conhecimentos. Através das tintas, pudemos aprender mais sobre os alimentos que produzem tintura e também um pouco sobre a pré história quando pesquisamos sobre a história das tintas conhecendo a arte rupestre.

Ao refletir sobre como desenvolvi meus processos de criação notei que não foi na escola que me tornei criativa. Minha família me possibilitou mais experiências com a exploração de materiais do que em toda a minha vida escolar. Percebo um distanciamento das escolas e dos professores em relação as artes. Elas estão presentes no currículo, porém a abordagem poderia acontecer com maior ênfase.

Baseada nos estudos de exploração de materiais (CUNHA, 2002) e Formação de professores (IAVELBERG, 2003) construí minhas concepções referentes ao tema, e acredito que as aprendizagens no campo das artes visuais acontecem através de explorações e descobertas das crianças e as mediações provocativas das professoras são fundamentais nesses processos.

Para refletir sobre os processos de criação na educação infantil planejei e desenvolvi uma pesquisa com a professora e 10 crianças entre 4 e 5 anos de uma turma de Jardim. Com observações das ações pedagógicas busquei compreender

como as crianças interagem durante as propostas. Para entender as intenções da professora, realizei uma entrevista semi-estruturada, onde através dos questionamentos busquei conhecer suas concepções referentes ao ensino de artes, indagando se/como acontecem as ações de exploração de materiais.

Nesse trabalho inicio com o capítulo onde falo de minhas memórias que me impulsionaram a investigar. Ao realizar esse trabalho, percebi que meu interesse pela arte surgiu com a exploração de materiais durante a infância. Considero de grande importância as experiências que participei para a construção de meus processos de criação. Durante experiências de prática pedagógica percebi certo desinteresse das professoras em relação a práticas em artes, e a partir dessa inquietação, nessa pesquisa investigo como acontecem as práticas de exploração de materiais expressivos na sala de aula de uma turma de jardim.

Ao contextualizar a pesquisa, explico sobre como ela aconteceu, e em seguida descrevo os procedimentos investigativos. No capítulo posterior me atendo às análises relacionadas aos sujeitos. Descrevo algumas experiências enquanto observadora/entrevistadora/pesquisadora e utilizando o auxílio de autores que nortearam os estudos dessa investigação faço reflexões referentes às concepções da professora e suas ações pedagógicas, assim como às crianças, suas percepções durante as propostas e interações com os materiais expressivos. Também dedico análises relacionadas às produções infantis, mostrando algumas atividades realizadas, onde a tinta predominava no planejamento.

Finalizo com minhas considerações referentes ao observado. Considero ter alcançado com sucesso minha proposta de entender como acontecem as práticas de exploração de materiais expressivos na sala de aula da turma de jardim. Refletindo sobre o observado nos encontros tiro conclusões pertinentes à importância do ensino das artes e com o auxílio dos referenciais teóricos constituo minha opinião em relação às ações pedagógicas da professora, e também no que se refere às aprendizagens contidas nas interações das crianças com os materiais e entre elas.

2 MEMÓRIAS QUE ME IMPULSIONARAM A INVESTIGAR

Desde minha infância mostro certa intimidade com as linguagens expressivas como desenhos, pinturas e esculturas, embora não tivesse contato nenhum com artistas renomados, nem acesso a exposições. Herdei esse gosto de minha mãe, que mesmo com poucos conhecimentos da área, demonstrava constantemente sua paixão pelas Artes. Ela cursou até o último ano do primário¹, que na década de 60 diferia muito a educação das meninas da dos meninos. Lembro-me dela contando que para as meninas, havia disciplinas de Cuidados do lar e Língua francesa, mas que a sua disciplina preferida era Artes Visuais.

O período de minha infância não escolarizada foi marcado por momentos de interação com muitos materiais expressivos. Em meados do ano de 1986, quando minhas quatro irmãs mais velhas já estavam no primeiro grau¹ estudando no período da tarde, minha mãe frequentemente preparava materiais como cola caseira, grude e papel machê para que eu pudesse me entreter enquanto ela costurava. Lembro cenas onde ela parava seus afazeres para me mostrar algumas de suas criações se divertindo comigo e me ensinando como manipular aqueles materiais.

Ao ingressar na escola com sete anos, fui matriculada na primeira série². Não tive a experiência da pré escola, iniciando diretamente a alfabetização. A partir da quinta série, nas aulas de “Educação Artística” sempre mostrei muita facilidade em qualquer situação que precisasse de desenhos, pinturas ou algo do gênero.

O meu prazer por desenhar e pintar se manifestou cada vez mais forte também fora da escola. Talvez não por acaso a canção que embalou minha infância foi *Aquarela*, do compositor Toquinho (1983), canção essa que me emociona até hoje. Essa música se tornou tema da campanha comercial da marca Faber Castell em 1983, ano do meu nascimento, e teve uma nova edição desse comercial em 1995 que recordo com clareza. Minha memória regressa ao local e ocasião daquele momento que pra mim foi tão mágico... Acompanhava atentamente o sol amarelo sendo desenhado na folha de papel, e as cinco ou seis retas formando o castelo. O

¹ Nomenclatura utilizada nas diferentes épocas para o atual ensino fundamental.

² Atual 2º ano do ensino fundamental.

pinguinho de tinta que caía no pedacinho azul do papel e a linda gaivota que voava no céu... É com muito saudosismo que me lembro daquela época, quando eu parava tudo o que estava fazendo para observar atentamente os acontecimentos do comercial narrados pela letra da música... Percebo que um mundo de fantasia tomava conta daqueles momentos, que me proporcionavam criar em minha mente, possibilidades inimagináveis.

Outra lembrança que tenho é a dos momentos em que minha mãe preparava massa de biscoito para que eu cortasse do formato que eu preferisse. Frequentemente escolhia bonecos, onde os olhos eram compostos de feijão, o nariz de arroz, e a boca de macarrão. Depois de irem para o forno era uma festa... Meus biscoitos já se tornavam personagens de histórias próprias, criando vida em minha imaginação.

Ao lembrar desses momentos de minha vida percebo o quanto é importante o incentivo aos processos de criação infantis para desenvolver as linguagens expressivas, e para isso é necessário que o professor proporcione momentos de interação com diferentes materiais, incentivando a criança a experimentá-los.

Minhas experiências com os materiais continuaram... Da infância para a adolescência os bordados e as pinturas em tecido tomaram conta de meu cotidiano. Sempre que sobrava um tempinho lá estava eu com uma agulha na mão criando novas roupas, reutilizando tecidos, bordando chinelos... Sempre ouvi dizer que tenho uma “boa mão” em relação à minhas criações, que na maioria das vezes demonstravam uma boa noção de medidas e combinações. Também chamava atenção pelas minhas ideias criativas, uma vez que sempre procurei sair do comum, buscando a partir do material disponível realizar propostas diferenciadas. Acredito que minhas possibilidades de criação não sejam uma habilidade “inata”, mas tenha sido desenvolvida a partir das possibilidades e incentivos oferecidos por minha mãe lá na minha infância.

O conhecimento dessa diversidade de alternativas tanto em relação a materiais, quanto ao uso destes, me oportunizou melhor explorá-los, criando e recriando objetos. Acredito que ter participado de situações de exploração de materiais diversos durante a infância tem grande influência nos meus processos atuais de criação que se apresentam não apenas na área das artes, mas na minha vida em geral. Assim, penso que se as crianças tiverem o maior contato possível com diversificados materiais, poderão através da sua exploração, desenvolver sua

expressividade, exercitar sua capacidade de resolver desafios e desenvolver seus processos de criação.

Em minha vida escolar, foram poucas as oportunidades de aprender sobre as artes. Quase todas as minhas experiências aconteceram junto à minha família, onde pude experimentar muitos materiais. As artes não tinham muito espaço no currículo das escolas, e quando reservados alguns períodos para o ensino dessa área de conhecimento, a maioria das propostas se resumiam ao desenho livre, sem nenhum tipo de direcionamento, o que acabava por fazer com que a proposta muitas vezes fosse banalizada pela turma que frequentemente se entediava.

No segundo grau lembro-me de apenas uma professora que propôs criações interessantes como escultura, macramê, e criações com metal. Realizávamos uma proposta diferente a cada aula, porém sem contextualização ou referência de nenhum movimento artístico ou artista que nos embasasse com conhecimentos sobre arte. Eram apenas produções soltas sem nexos e sem sentido. Apenas ênfase no trabalho manual que acabavam por desmotivar a turma que não percebia propósito na realização destas, que muitas vezes eram tratadas como mero artesanato.

Hoje, percebo que na maioria das escolas, o ensino de arte é pouco abordado pelos educadores. Lavelberg (2003, p.26) traz como um dos objetivos para ensinar artes visuais o de “construir um percurso de criação pessoal cultivado, isto é, alimentado pela produção cultural em arte”. Concordo com sua afirmação e acredito que a escola tem um papel fundamental no cultivo desse percurso.

Penso que é de suma importância desenvolver os processos de criação em todas as fases escolares, mas principalmente com as crianças da educação infantil. Neste período de escolarização, temos a oportunidade de apresentar as crianças uma multiplicidade de materiais. As experiências em arte afloram a curiosidade das crianças em relação ao mundo, surgindo questionamentos que levarão a outros conhecimentos.

Os conhecimentos possibilitados pela exploração de materiais são infindáveis. Durante a minha prática de estágio, procurei mediar experiências incentivando as crianças através da experimentação. Em uma atividade com giz de quadro negro, ofereci diferentes materiais para que as elas riscassem e pintassem. Plástico, vidro, papel crepom... Até a mesa da sala de aula e o concreto do piso da escola serviram de suporte para que aprendessem sobre os materiais. Essa proposta aguçou a

curiosidade das crianças em relação aos motivos que levavam o giz a aderir em alguns materiais mais que em outros, desencadeando em aprendizagens sobre diferentes texturas da escola.

Com a manipulação do giz aprendemos novas possibilidades de uso desse material. Quando uma das crianças sentiu dificuldade em desenhar com a peça inteira, acabou por virar de lado o bastão, se surpreendendo com o efeito diferente proporcionado ao deslizar o giz deitado sobre a folha. Molhando o giz em água a aderência aumentou, tornando o traço mais forte. Essas situações promoveram experiências significativas para a realização das posteriores criações das crianças.

Por acreditar na importância da arte para a infância, em minhas experiências de prática pedagógica, nas mini-práticas realizadas durante o curso de pedagogia, no estágio obrigatório, ou até mesmo em minhas experiências como professora de educação infantil, sempre procurei incluir a arte em meus planejamentos. Ao conversar com as professoras que tive contato, pude identificar um frequente desconforto quando o assunto se referia a atividades artísticas. O inquietamento com essa falta de interesse por planejamentos que envolvam as artes me motivou a pesquisar sobre o assunto, para analisar como acontecem as práticas de exploração de materiais na educação infantil.

2.1 DA INQUIETAÇÃO À INVESTIGAÇÃO

Em meus relatórios, diários de campo, relatos de práticas pedagógicas e anotações pessoais, percebi um grande distanciamento das escolas e das professoras em relação às práticas de ensino de arte. Quando questionadas sobre os motivos de não favorecerem momentos onde as crianças pudessem ter contato com as artes, a maioria se referia à sujeira e à agitação das crianças. Uma delas respondeu dizendo que “*no momento dos trabalhos elas não paravam quietas!*”. Ao observar as atividades da turma desta professora, percebi que em cada proposta com materiais expressivos os alunos divididos por duplas ou trios, se deslocavam para o refeitório onde se sentavam separadamente, um em cada mesa recebiam uma folha branca e o material referente à atividade para explorar no papel. Na maioria das vezes eram apressados para terminar a produção no intuito de que outros colegas logo pudessem ocupar seus lugares. Enquanto uma professora

ficava “cuidando” os alunos na sala de aula, outra acompanhava os que estavam no refeitório.

Percebo uma concepção pragmática do ensino da arte nesta turma de educação infantil, onde a educadora utiliza dessas atividades para mero desenvolvimento da motricidade, possivelmente às planejando no intuito único de mostrar aos pais, priorizando o produto final e não o processo. Não havia momentos de interação entre as crianças e sequer das crianças com os materiais. Notava que havia pressa para que as crianças terminassem os trabalhos e controle para os corpos ficarem sentados e contidos. Além da falta de participação da professora, o afeto ficava esquecido na inexistência de mediação do processo de criação. Dessa forma considero praticamente impossível os alunos sentirem prazer em fazer arte. A respeito disso Laveolberg (2003, p.10) diz que:

O papel dos professores é importante para que os alunos aprendam a fazer arte e a gostar dela ao longo da vida. Tal gosto por aprender nasce também da qualidade da mediação que os professores realizam entre os aprendizes e a arte. Tal ação envolve aspectos cognitivos e afetivos que passam pela relação professor/aluno e aluno/aluno, estendendo-se a todos os tipos de relações que se articulam no ambiente escolar.

Penso que essa interação tem enorme importância na maneira de aprender arte. O interesse da criança também depende da maneira como é disposto o tempo para a realização das atividades. O fato de apressarem as crianças me fez refletir sobre como cada criança tem um tempo para elaborar seus pensamentos, encontrar materiais adequados para poder expressar suas ideias. Acredito ser interessante que a professora disponibilize tempo livre para conhecerem, explorarem os materiais e formularem seus modos de expressão. Duarte Jr (2003, p. 73) nos mostra que:

[...] na arte educação, o que importa não é o produto final obtido; não é a produção de boas obras de arte. Antes a atenção deve recair sobre o processo de criação. O processo pelo qual o educando deve elaborar seus próprios sentidos em relação ao mundo à sua volta.

Penso ser durante a realização da proposta que se adquire as maiores aprendizagens. Não se pode desconsiderar o produto, pois a partir dele se pode conhecer as aprendizagens, porém, independente da produção final, a experiência da realização é muito significativa.

Tendo participado de momentos onde a arte é abordada de forma equivocada nas minhas experiências pedagógicas, e constatado um grande desinteresse de professoras em relação às artes visuais na escola, me interessei em investigar sobre como acontecem as práticas de exploração de materiais expressivos na sala de aula da turma de um Jardim. Com o objetivo de lançar um olhar mais direcionado para esses aspectos, busquei me colocar apenas como observadora, enfocando as práticas expressivas para refletir sobre a exploração de materiais e entender como elas acontecem no contexto escolar. Discutindo esse tema busco dar mais visibilidade as ações pedagógicas com exploração de materiais, pois considero de extrema importância.

3 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

Neste trabalho parto do pressuposto de que a manipulação de diversificados materiais expressivos é fundamental para o desenvolvimento dos processos de criação infantil, pois penso que as aprendizagens acontecem com as explorações e que são fundamentais as mediações provocativas da professora. Os estudos que norteiam essa investigação são referentes à exploração de materiais (CUNHA, 2002) e Formação de professores (IAVELBERG, 2003) assim como ensino de artes (MARTINS, 1998).

Tendo visto em minhas práticas docentes poucas experiências com artes oferecidas às crianças da Educação Infantil, realizei essa pesquisa qualitativa. Um estudo de caso, em uma turma de Jardim, onde objetivei:

- Entender as concepções de ensino de arte e as ações pedagógicas da professora.
- Perceber as intenções da professora em relação a exploração de materiais expressivos e como são desenvolvidas as ações pedagógicas.
- Investigar como as crianças interagem com as propostas da professora.

Os sujeitos da pesquisa foram uma professora e 10 crianças com idade entre 4 e 5 anos que compõe a turma de jardim de uma escola de Educação Infantil da cidade de Canoas. Essa escola funciona em turno integral e tem público de classe média. A professora da turma tem 38 anos, e é formada há dez anos pela UFRGS, em Pedagogia-Educação infantil. Atua há quatro anos na área, estando com essa turma há apenas dois meses.

Durante esse trabalho, utilizei nomes fictícios para preservar a identidade das crianças, sendo que as imagens foram de minha autoria permanecendo indefinida a identificação dos sujeitos.

A pesquisa foi realizada durante os meses de setembro e outubro de 2012 com dois encontros semanais para observação das atividades em sala de aula. Através das observações e da entrevista, procurei entender: Como acontecem as práticas de exploração de materiais expressivos na sala de aula da turma de jardim.

3.1 PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS

Inicialmente procurei conhecer o espaço da sala de aula. Iniciei realizando um levantamento das produções realizadas pelas crianças que estavam expostas, uma vez que havia muitas nas paredes e murais. Ao entrar em campo, me apresentei e fui me inserindo no grupo a fim de favorecer a construção de maior intimidade das crianças comigo. Apenas a partir da terceira visita iniciei as observações durante os momentos de atividades propostas pela professora em sala de aula. Minha primeira ação foi realizar uma entrevista semi-estruturada com a professora, onde utilizei um roteiro com 17 questões (Apêndice 1) que serviram de suporte para conhecer a professora, suas concepções referentes ao ensino de artes na educação infantil, como desenvolve seus planejamentos e ações pedagógicas, como escolhe os materiais que utiliza e qual as intenções ao oferecer esses materiais.

As observações tiveram duração média de duas horas, onde me detive nas ações pedagógicas, confrontando com a entrevista realizada. Procurei focar as propostas com materiais expressivos, prestando atenção às ações da professora e a reação das crianças durante a realização destas, observando como são desenvolvidas as ações pedagógicas, e como as crianças interagem com as propostas da professora.

Após sentir que as crianças estavam mais a vontade com minha presença, o foco principal das conversas passou a ser sobre as suas produções gráfico-plásticas. Perguntas como se gostou de fazer e como foi manipular o material serviram para provocar as crianças a falarem sobre suas criações. Procurei através de suas respostas entender como aconteceu o processo de criação. Conversamos sobre as propostas expostas na sala, e também sobre as atividades realizadas durante o tempo que estive com elas. Durante os momentos de exploração dos materiais anotei algumas falas das crianças, assim como considerações minhas referentes ao observado, essas anotações serviam como guia para minhas reflexões que embasariam posteriormente as análises.

Para entender como a professora desenvolvia as atividades de arte com as crianças, busquei observar as produções dispostas na sala de aula e acompanhar as ações pedagógicas durante os encontros realizados. Com a entrevista procurei indagá-la sobre suas concepções, na tentativa de entender quais as suas intenções nas propostas planejadas.

4 ANÁLISES E REFLEXÕES

Para as análises selecionei alguns acontecimentos que demonstravam as categorias de análise. Procurei utilizar o princípio da triangulação valorizado por Graue e Walsh (2003, p. 12), e diante dos dados registrados refleti sobre pontos de vista das perspectivas que se apresentavam.

Busquei me ater nas ações pedagógicas da professora investigando como as crianças reagem com essas ações. Concordo com Graue e Walshe (2003), que nos instigam a refletir:

Estudar as crianças – para quê? Eis a nossa resposta: Para descobrir mais. Descobrir sempre mais, porque, se o não fizermos, alguém acabará por inventar. De facto, provavelmente já alguém começou a inventar, e o que é inventado afecta a vida das crianças; afecta o modo como as crianças são vistas e as decisões que se toma a seu respeito. O que é descoberto desafia as imagens dominantes. O que é inventado perpetua-as.

Ao trabalhar com crianças percebi que as nossas concepções afetam a vida delas, e no tratamento dos dados dessa pesquisa procurei analisar as ações pedagógicas, observando como elas afetam as crianças.

Realizei uma entrevista com a professora, onde procurei entender suas intenções em relação à exploração de materiais expressivos. No que se refere às crianças, como os próprios autores abordam é muito difícil realizarmos entrevistas típicas com as crianças, então procurei me ater nas atitudes e falas delas, dados substanciais para a investigação.

4.1 A PROFESSORA

Para conhecer mais a professora, suas concepções e intenções, realizei uma entrevista semi-estruturada com um roteiro composto por 17 perguntas onde durante a conversa abordei os meus questionamentos. Nesta análise primeiramente trago as reflexões referentes às concepções da professora, buscando analisar suas falas durante a entrevista e também entender quais as suas intenções ao disponibilizar materiais expressivos para a turma.

Ela aparentava estar um pouco apreensiva, pensando bem antes de responder. Diante dos questionamentos disse que gosta de realizar propostas com

artes na sala de aula, e ao ser questionada sobre sua visão sobre arte na educação infantil respondeu que considera como “uma maneira da criança se expressar, expressar seus sentimentos e suas angustias...” Apesar de mostrar ideias expressivistas durante a entrevista, no momento de propor e desenvolver as propostas ela oferece os materiais mas não propõe desafios. Apenas fica a observar as crianças, sem realizar nenhum tipo de direcionamento ou mediação de aprendizagem.

Com suas falas durante a entrevista, a professora disse que tinha a intenção de ampliar a imaginação das crianças através da exploração de materiais. Algumas falas dela referentes ao ensino das artes foram: “*Fazer relações*”, “*criar mais*”, “*fazer leituras de imagens com várias possibilidades*”. “*Sentir texturas*”, “*tocar*”, “*cheirar*”, “*ter sensibilidade com as coisas e com a vida, num pequeno detalhe*”. Percebi muitas reações das crianças referentes a essas atitudes de sentir, cheirar, ou tocar, porém essas experimentações sempre aconteciam de maneira espontânea, visivelmente sem intervenções da professora.

A professora também diz que em algumas ocasiões delimita o que deve ser criado, mas na maioria das vezes deixa as crianças livres para a criação. Em relação às produções das crianças disse que “- *A arte não é nada pronto e cada um pode perceber e ver de um jeito*”. Relata que utiliza os materiais “*para eles terem contato com os materiais*”, “*perceberem que com a diversidade de materiais eles podem criar muitas coisas. Pra motivar a imaginação...*”. Durante as ações pedagógicas observei que ela não conversava com as crianças sobre suas produções, indagando ou questionando. Suas intervenções estavam restritas ao oferecimento de materiais, organização deles e explicação do que iriam realizar. Segundo Luís Camargo (1989 p. 19) “Não basta trabalhar com materiais de arte para se desenvolver a criatividade – mais importante que os materiais é a postura do educador: ajudar a criança a crescer, a acreditar em si mesma realizando o seu potencial.” Assim me ponho a pensar que durante a disponibilização de materiais a interação professora-criança é fundamental, e a postura da professora oportuniza um melhor aproveitamento das ações pedagógicas.

A professora tem formação acadêmica em Pedagogia – Educação Infantil. Cursou apenas duas disciplinas relacionadas a artes visuais, e outra que abordava teatro e música. Além de sua formação nunca realizou nenhum curso específico na

área. Diz frequentar museus sem muita frequência, e justifica sua falta de proximidade com as artes por falta de tempo.

Utiliza a metodologia de projetos para planejar suas aulas, e atualmente traz para a turma o projeto “Brincadeiras”, não abordando todos os dias. Nos outros dias diversifica atividades relacionadas às datas comemorativas.

Quando perguntei se as artes faziam parte de seus planejamentos, a professora afirmou que sim, justificando essa predisposição por entender que as artes desenvolvem a psicomotricidade. Salientou ao falar que também gosta de levar colagem para a turma e defende essa atividade como um exercício do uso da cola. *“As vezes chega na primeira série e eles não sabem usar cola direito...”* Os posicionamentos da professora indicam que as artes não são enfocadas em sua especificidade: desenvolver o imaginário. Com a fala citada acima, demonstra uma concepção pragmática sobre o ensino da arte, onde segundo Cunha (2004, p. 15) “O educador acredita que as atividades de expressão gráfico-plásticas devem servir para desenvolver a motricidade...”

A partir daí penso no motivo pelos quais essas atividades são realizadas. Qual a verdadeira motivação do planejamento dessas atividades? REILY (1989, p. 39) fala sobre pesquisas realizadas que apontam que o ensino das Artes na pré-escola “são utilizados como:

1. Atividades para acalmar crianças;
2. Atividades ligadas a datas comemorativas;
3. Aprendizagem de conceitos;
4. Estimulo para aprendizagem de linguagem;
5. Treino de coordenação motora;
6. Reforço para a criança que completa uma determinada tarefa;
7. Lazer.”

Percebi que nas propostas observadas durante a pesquisa há pouca valorização da arte, sendo que as ações têm outros propósitos, como aqueles que Reily apontou.

Em relação às mediações com as crianças, notei que a professora na maioria das atividades oferecia os materiais, sem participar das explorações. Apenas organizava o material, dispondo-os sobre a mesa, para a realização da criação que posteriormente seria exposta para apresentação aos pais.

Assim como D'antino (1989, p. 30) nos escreve: “um arte-educador não precisa ser obrigatoriamente um artista plástico atuante, mas conseguirá desempenhar melhor seu papel se pelo menos trabalhar sua própria expressão.”

Diversas oportunidades de explorar os materiais se apresentaram à professora durante os encontros observados. Possibilidades de junto com as crianças criar novos métodos de utilizá-los. Como quando Eduardo perguntou sobre como fazer a bolinha de jornal para a cabeça da bruxa, e a professora pegou a folha e enrolou toda com fita adesiva para que ficasse bem redondinha logo colando no corpinho da bruxinha. Considero pela reação de Eduardo ao ter sua bolinha feita pela professora, que ele gostaria de ter feito ele mesmo, apenas sendo auxiliado.

A experimentação, aliada a participação das atividades com as crianças, fazendo parte do momento nos remete ao que se refere Martins (1998, p.129):

A magia gerada na alquimia da intuição, do olhar cuidadoso para cada aprendiz, no saber fazer se revela na criação de situações de aprendizagem significativa. Para construir esses momentos o educador terá de ser guloso em seu desejo de ensinar, paciente na oferta e na espera de quem acredita e confia no outro, e amoroso no compartilhar de saberes. Como um pesquisador, ele ensina ensinando, pensando sobre esse ensinar. E assim ensinando, também aprende.

Muitas vezes a professora tecia poucas explicações sobre o que deveria ser realizado. Observei que a maioria das atividades baseavam-se no mero ato de realizá-las sem contextualizá-las. Também notei que quando as crianças acabavam o trabalho, a professora não tecia comentários.

As crianças mostravam querer conhecer tanto os materiais como a maneira como as outras crianças faziam o uso deles. O fato da professora não participar dos momentos de exploração de certa forma impedia que ela pudesse observar aspectos citados anteriormente, como em relação às interações paralelas às ações pedagógicas. As descobertas das crianças, como nas misturas espontâneas das tintas aconteciam sem a mediação da professora, que acabava por não perceber esses momentos de aprendizagem. Esses aspectos nos fazem pensar o quão importante é o olhar atento da professora e as mediações provocativas na realização das propostas

4.2 AS CRIANÇAS DESSA TURMA

O meu primeiro acesso às produções gráfico-plásticas da turma foi através da exposição destas na sala. Martins (1998, p. 145) fala que “toda a sala de aula é retrato de uma história pedagógica construída numa concepção de educação. A cada dia de aula, no encontro do professor e alunos, o retrato da sala vai se esboçando”. Pude diante das produções expostas ter uma ideia inicial sobre como a professora desenvolvia as atividades de artes com as crianças. Já nesse primeiro contato observei que ela tem uma preferência pelo uso da tinta, fato comprovado durante a entrevista, momento em que quando questionada sobre os tipos de materiais utilizava, prontamente respondeu: - “*Tinta*”.

Nessa turma as atividades são realizadas com todos reunidos em um grande grupo. As classes se juntam e a turma se une para realização da proposta. Percebi nos encontros que esses momentos são recheados de interações, tanto das crianças com os materiais, quanto das crianças entre si. A visão (e, de certa forma, aprovação) do colega é muito importante para elas. A cada cor escolhida, ou corte realizado, o colega do lado participa, às vezes apenas olhando, julgando ou até copiando, o que suscita em atitudes variadas.



Fig 1: Crianças em produção com tinta.

Durante as observações consegui perceber nas falas das crianças quais as suas intenções na realização das atividades, e assim pude entender melhor a visão de cada criança sobre as suas criações e sobre as criações dos colegas.

A frase”- *Cada um faz do seu jeito*” argumentada por Andréia em represália à expressão “- *o dele está feio*” dita por Fernando mostra o disciplinamento em relação às diversas opiniões. Um posterior “- *O de todos está lindo né profe...*” acaba por sentenciar que a arte tem que ser bela, e que cada um tem um jeito de fazer o seu belo. Essa situação deixa a reflexão do sentido estético da arte... Qual o sentido das artes? Em discussões sobre o belo e o feio me questiono: A arte necessariamente tem que ser bela, ou se trata de expressão, podendo exprimir algo feio? Considero que o ato de criar independe de ter que se criar algo belo, e essa é uma premissa que rende discussões significativas referentes ao ensino de artes.

Durante o ato de criar, a constante pergunta “- *Posso?*” faz parte do vocabulário de grande parte das crianças. Vejo grande insegurança a cada cor que escolhem ou corte que fazem, necessitando aprovação da professora para as suas atitudes, algumas vezes no intuito de criar o belo. Observei que essa insegurança acontecia diante de certa falta de intervenção e de desafios por parte da professora. Percebi as crianças muito apreensivas no momento das criações, tentando sempre saber o que a professora queria e como queria que fosse feito. Cunha (2004, p. 12) nos fala que:

“No processo de aquisição da linguagem gráfico-plástica o papel dos educadores infantis *não* consiste em fornecer às crianças folhas e lápis de cor e deixar que elas se expressem aleatoriamente como nas atividades de *desenho livre*, ou reduza os momentos expressivos a exercícios de *motricidade fina* como pintar formas geométricas, recortar em cima de linhas onduladas, fazer bolinhas de papel crepom, etc...”

O fato das crianças perguntarem: *Posso misturar essa cor com esta? Posso usar essa tinta? Posso, posso, posso?* Demonstra que não foram desafiadas a realizar esse tipo de ação. Observei que a professora sempre dava respostas afirmativas às solicitações, porém não as instigava. Entendo que este condicionamento pode ser em decorrência das práticas pedagógicas da professora anterior, que possivelmente tinha postura diferente. Penso que ao mesmo tempo que a professora delimita o que fazer e controla muito as ações das crianças, a falta de propostas desafiadoras acaba se tornando um desperdício de oportunidades para novas experimentações.

A professora atual da turma chegou há apenas dois meses no grupo. Pode ter acontecido da experiência com a professora anterior ter acabado por condicionar as

crianças a pedir permissão. Poderiam estar acostumados a propostas de atividades pré-determinadas, onde a professora dizia o que deveria ser feito. Isso pode com o tempo ter condicionado as crianças a só se sentir confiante em fazer o que a professora ditava.

Ao mesmo tempo em que essa falta de direcionamento pode ter a intencionalidade de que se expressem sem interferências, pode estar deixando-os confusos, pois o simples ato de não propor nenhum desafio direto pode acabar por desmotivar a criança. Delimitar exatamente os materiais a serem utilizados e o que deve fazer não oportuniza o pensar e o criar, porém o simples disponibilizar de materiais pode deixá-los à mercê da vontade ou falta dela de realizar a proposta. Penso que os materiais diversificados devem ser disponibilizados com frequência, e desafios devem ser criados, pois só assim a criança vai aprender sobre os materiais utilizados e os suportes conhecidos. Ações desafiadoras realizadas pela professora instigam a criança a criar, são necessárias mediações provocativas para desenvolver esses processos. Segundo Cunha (2002, p 12)

Nas atividades livres, ao invés do professor simplesmente disponibilizar materiais, as crianças devem ser desafiadas a explorar os materiais em todas as suas possibilidades, como numa atividade banal com lápis de cor e papel. Podemos transformar esta atividade simplista e comum em uma proposta instigadora e fonte de descobertas matéricas, além de conhecermos as hipóteses das crianças sobre o que vamos trabalhar.

Acredito que a interação com os materiais seja benéfica, tanto dos alunos assim como do próprio professor, para que possa com mais propriedade saber qual a relação que as crianças estabelecem com os materiais ao conhecê-los e manipulá-los.

Em outra situação da pesquisa, a professora disponibilizou papel camurça da cor preta, colocando um quadrado deste material em uma folha A4 branca. Posteriormente distribuiu pedaços de giz branco para os alunos e colocando alguns copos de água dispostos a mesa, pediu que molhassem o giz e desenhassem no papel preto.

As atitudes foram diversificadas, havendo desde alunos que mal molharam o giz, até aqueles que molharam muito e na hora do desenho ao passar com força no papel obtiveram um resultado inusitado. O espanto ao ver a mistura do giz molhado

com a penugem do papel camurça foi simbolizado pela fala de Camila: “*Ficou tipo lama!*”

As falas durante a realização da atividade denotam o aprendizado obtido através da experiência. Ao passar o giz branco no papel branco Eduardo fala: “*O giz branco não apareceu!*”. E depois completa: “*e aqui não sai ó...*” ao riscar no preto.



Fig. 2: Aluna desenhando com giz branco no papel camurça preto

Quando a professora distribuiu canetinhas, pedindo para que as crianças colocassem o nome em suas produções. Fernando pediu a canetinha amarela, e ela o entregou respondendo: “*Mas o amarelo acho que não vai aparecer...*” Fernando então assinou na camurça preta, não obtendo sucesso em sua tentativa. Nesse momento Gustavo que estava sentado ao lado falou: “*É pra escrever no branco...*” e ele começou a escrever por cima do giz branco na folha camurça. Por fim Gustavo apontou para a folha ofício do amigo e disse “*aqui ó...*” e então Fernando assinou seu nome, que realmente quase não apareceu pela falta de contraste da cor amarela com o fundo branco.

Esta cena mostrou não apenas a interação dos dois meninos, mas também a oportunidade de instigar a experimentação dos materiais para que descobrissem qual a melhor opção para utilizar e em qual suporte. Compreendo que as ações pedagógicas em artes sejam baseadas em desafios e de acordo com Lavee (2003 p. 45)

O aprendiz, como sujeito ativo, mobiliza seus esquemas de conhecimento para construir formas novas de agir e compreender o universo. Não aprende acumulando informações, numa perspectiva somatória, mas colocando em

contato, por si ou por influência do meio, seus esquemas de conhecimento (práticos e teóricos) como conhecimentos novos, realizando uma aprendizagem significativa.

Penso que levando em consideração os conhecimentos prévios da criança, a professora poderia oportunizar momentos onde poderiam exercer do seu direito de criar, fazendo uso de suas experiências.

5 EXPLORANDO OS MATERIAIS

Entendi que as aprendizagens do grupo se construíram através das interações entre as crianças e através das interações espontâneas delas com os materiais.



Fig. 3: Alunos em atividade com massinha de modelar.

Na situação da figura acima André queria criar unhas coloridas com a massinha de modelar, porém quando uma das mãos já estava pronta, ele teve dificuldades em fazer as unhas da outra mão. As colegas Marina e Camila então se disponibilizaram para cada uma fazer as unhas de uma das mãos do colega, que contente logo foi brincar de monstro com elas. Essa situação ocorreu em um momento de brincadeira, onde os três alunos escolheram a massa de modelar para brincar.

Assim como nesse caso, nas atividades também aconteciam situações semelhantes que independiam da proposta da professora. Diante das possibilidades oferecidas, as experiências mais significativas eram as que aconteciam nas entrelinhas das propostas, aquelas que não faziam parte do contexto da atividade. Muitas vezes elas eram intencionais, mas recheadas de aprendizagens. Em uma dessas situações Mariana brincava com os pincéis enquanto conversava com Andréia mostrando o tamanho deles, e as diferentes cerdas que tinham... Também utilizava deles para fazer o formato das letras iniciais das crianças da turma, mostrando já conhecer a letra de todos os nomes.

No decorrer dessa pesquisa, durante minhas observações pude perceber o encanto das crianças ao tocar, cheirar, olhar as diferentes texturas dos materiais e instrumentos explorados pela turma. Nas atividades observadas, notei que os momentos de interação acontecidos entre as crianças na maioria das vezes não eram intencionais. As atividades buscavam um produto final, sem se preocupar a construção de aprendizagem durante o processo de realização. A professora não percebia as descobertas das crianças em relação às experimentações.

Em alguns momentos observei a satisfação das crianças em sentir a viscosidade da tinta ou o arrepiar da sensação trazida pelo escorregar do fio de lã na mão. Também notei que as crianças frequentemente expressavam suas experiências como quando Antônio descreve o simples deslizar do pincel seco sobre a pele, como uma sensação agradável ao dizer: “- *É gostoso... O pincel é macio!*” Na maioria das vezes essas reações das crianças não eram consideradas pela professora.

As interações da turma investigada não aconteceram somente na realização da proposta, mas principalmente nos acontecimentos paralelos a esses. Como durante uma das atividades com tinta, em que a proposta era pintar um boneco de argila e Eduardo pintava o jornal que cobria as mesas, ficando surpreso com o resultado escurecido da tinta no diferente suporte. Ou quando Antônio cortou as cerdas de um dos pincéis, posteriormente justificando que gostaria de fazer cabelos para seu boneco. Essas são talvez as mais preciosas oportunidades de aprendizagem, aquelas dispostas no ato de brincar com o material, pois mostram as curiosidades das crianças, possibilitando que a professora conheça suas expectativas e intenções.

Apesar da professora ter dito que suas intenções ao disponibilizar materiais expressivos era de que as crianças cheirassem e sentissem, ela não aproveitava essas situações para instigar a exploração desses. Muitas vezes ela sequer percebia momentos que crianças expressavam prazer em manusear e conhecer instrumentos como o pincel, como no caso de Antonio. Porém, talvez dentro da lógica dos conhecimentos escolares, onde são priorizados aspectos cognitivos, os conhecimentos sensoriais não sejam percebidos pela professora. Sensações e ampliação dos sentidos não faz parte do elenco de conteúdos escolares, o que acaba por ficar esquecido entre as propostas.

5.1 “É muito bom sentir a tinta...”

Durante os encontros quase todas as atividades realizadas foram com o uso da tinta. Todas elas com tinta acrílica industrial nas cores: amarelo, azul, branco verde, vermelho e preto. Sempre faziam o uso de pincel, com papel branco tamanho A3. A abordagem se deu sempre de uma mesma maneira e centradas na professora: Os pincéis eram distribuídos, as tintas abertas, copos d’água pela mesa. Nas maioria das vezes, tudo ficava em cima de várias folhas de jornal, para que não “sujasse” as mesas com a tinta. Sobre isso Richter (2004, p.53) nos incita a pensar que:

Pintar com crianças acarreta enfrentar o estigma da radical resistência pelo *sujo*, pelo manchado, pelo borrado, pelo melecado e pelo que mais de horrroso houver para designar o ato de colorir superfícies com a tinta úmida e viscosamente colorida.

Na sala observada as tintas eram disponibilizadas em potes grandes, sendo que também eram utilizadas as tampas para sua utilização. As crianças não participavam da escolha das disposições dos materiais, e nenhum vasilhame era disponibilizado para misturar as cores. Isso acabava por motivar as crianças a realizar as misturas no próprio papel, onde colocavam grossas camadas de tinta, para quando colocada outra cor por cima as mesclas se apresentassem. Sempre gostavam de praticar essa técnica, que também era espontânea, sem qualquer direcionamento da professora.



Fig. 4: Atividade de pintura

Também motivados pela mistura das cores, todos disputavam o copo de água. Sempre gostavam de limpar os pincéis, para observar qual seria a tonalidade que ficaria a água. A mistura da tinta nas letras do jornal tornava-o um suporte também muito utilizado pelas crianças, que mostravam gostar de ver as letras sob outras cores.

Observando as atividades propostas sempre da mesma maneira e com a utilização dos mesmos suportes, percebo que dessa forma as propostas podem acabar entediando as crianças. Sem propor desafios as situações de aprendizagem se tornam repetitivas, não aproveitando a curiosidade das crianças para que tenham novas descobertas. Os materiais podem ser utilizados de diversificadas formas... Quem sabe colocar um grande pedaço de papel pardo no chão, e ignorar os pincéis? Pintar com as mãos, com os pés, podendo ser na folha de papel pardo mesmo... Assim o processo tem uma maior ênfase na sensação do toque e do cheiro da tinta a ser aproveitada sem receio.

Já me referi à experiência de Antonio: Em uma das atividades, ele começou a pintar com o pincel uma das mãos. Primeiramente os dedos, depois de um tempo a mão e o antebraço inteiro estavam azuis. A fala da professora ao ver o ocorrido foi: *“Não sei o que deu que eles estão querendo explorar hoje...”* Percebi que aquela exploração ainda era muito contida, vagarosamente esperando a intervenção negativa para que terminasse aquela ação fora da proposta. Em nenhum momento o menino pegou a tinta e passou na mão, deixando escapar por entre os dedos e amassando... Apenas foi passando bem aos pouquinhos o pincel com tinta, e sentindo a textura. Ao ser questionado sobre sua atitude, ele respondeu: *“- É muito bom sentir a tinta...”*



Fig. 5: Antônio pintando a mão em interação espontânea com o material

Ao falar sobre a exploração da tinta, Richter (2004, p. 55) nos diz que:

A viscosidade da tinta determina uma resistência ao corpo impondo-lhe um modo de lidar com a força do movimento gestual: forte ou fraco, longo ou curto, amplo ou contido. A pintura nasce do modo como seguramos o pincel, pela maneira da mão conduzir o movimento. Diálogo entre mão e matéria, entre mão e cultura. Não raro a mão nos surpreende, criando e resolvendo problemas no ato dinâmico de conformar a matéria ao desejo de figurar.

A interação da criança com o material criou momentos de grandes descobertas, e experimentações. A utilização inusitada da tinta por Antonio mostra o quanto as crianças são curiosas e podem encontrar possibilidades diferenciadas de explorar os materiais.

A curiosidade que as crianças possuem suscitou em momentos que não receberam mediações da professora. Em uma atividade, Eduardo perguntou: “*Posso misturar o vermelho com o azul?*”, ao receber a resposta positiva da professora, quando misturadas as tintas, surge a surpresa! “– *Formou roxo!*”. A partir desse momento todos quiseram testar as misturas, e a cada nova cor uma nova descoberta. A magia da mistura das cores e dos mesclados formados encantou as crianças que acabaram realizando esta experiência entre elas e fazendo suas próprias descobertas. Esse acontecimento ocorreu de forma independente do planejamento da atividade. Essa experiência espontânea e prazerosa das crianças corrobora com os escritos de Richter (2002 p. 48):

Se observarmos a abordagem da cor no planejamento e na prática pedagógica da educação infantil, vamos constatar que a definição e a conceituação ainda prevalecem sobre as experimentações com matérias coloridas: o jogar com cores! [...] Nada substitui a vibração, a sensualidade, a taticidade, a provocação da matéria. A ação sensível, criadora, dinâmica, ao seguir rumos, a fim de configurar a materialidade colorida, estrutura e expande a própria sensibilidade do sujeito da ação. Seria o mesmo que ensinar o corpo a jogar futebol apenas falando e *explicando* sem permitir que o corpo jogue com a bola no pátio.

Outra situação observada foi o momento da construção de uma bruxa: Foram utilizados um rolinho de papel higiênico para fazer o corpo e uma folha de jornal que como anteriormente falei foi utilizada para fazer uma bolinha que seria a cabeça. Para pintar essa bruxinha a professora disponibilizou todas as cores habituais e separadamente misturou as cores marrom e branca, formando um tom de bege que

ela indicou para as crianças pintassem os rostinhos das bruxas. Nesta ação, fica evidenciada a concepção da professora de que aquela seria a cor ideal para pintar o rosto a bruxinha... “Cor de pele”. Me pergunto: Cor de qual pele? Mariana, uma das alunas, que tem pele negra, não se encaixaria nessa descrição... Ainda que nesse trabalho eu não esteja me atendo aos conceitos referentes à raça e etnia, considero de extrema importância esse fato que se apresentou, pois como nos diz Kaercher (2006, p 99):

Os estudos sobre mestiçagem sinalizam que ela foi (e é) compreendida no Brasil como uma certa dubiedade: se for entendida como branqueamento, ela é tida como positiva; se for compreendida como o perigo do enegrecimento, é tida como nefasta.

Para as crianças as suas bruxinhas não possuíam nenhum marcador de branquidade ou negritude, pois os rostinhos tiveram cores das mais variadas, e na prática a atividade acabou com cada um pintando suas bruxas com multicores, e a mistura de marrom com branco só se tornou mais uma delas.

5.2 “Falta os olhos e a boca...”

Situações da sala de aula desta turma impõem alguns estereótipos visuais. Mesmo havendo essas informações estereotipadas, as crianças recriam suas formas em algumas situações. O sol exposto no quadro do clima possui um rostinho feliz. Em ocasião de chaminada, João, o ajudante do dia, precisava desenhar o símbolo do clima que se apresentava no dia referido. Ele fez o sol sem os traços humanos, e logo foi advertido por Marina, que prontamente falou: “- *Falta os olhos e a boca!*” João, então justificou afirmando que o dele não tem olhos nem boca... Percebe-se que ele quis mostrar que na concepção dele o sol não tem olhos nem boca, e que ele não precisa necessariamente desenhá-los por assim estar no quadro do clima. Ele pode sim recriar a imagem do sol diante de suas concepções.

Em outra ocasião que as crianças desenhavam livremente, Mariana e Eduardo realizavam juntos uma mesma produção em que desenhavam um arco-íris com flores, quando pude acompanhar o seguinte diálogo:

“Falta o sol!” (Augusto)

“Ele já está aqui...!” (Luisa apontando para a figura.)

”O sol não é vermelho, é amarelo!” (Augusto)

“E daí...” (Luisa)

Esses estereótipos expostos nas salas de aula, muitas vezes um padrão utilizado ao desenhar determinados objetos, podem ser absorvidos pela crianças. Diefenthaler (2009 p. 32-33), em sua dissertação de mestrado, fala sobre imagens estereotipadas como pássaros desenhados em formato da letra M, as casas com telhados retangulares em cima de bases quadradas e até o sol sorrindo como o citado nas situações acima. Em relação às ações pedagógicas relacionadas a esses fatores ela dispõe:

Assim, penso que como professoras, seria interessante problematizar as imagens consideradas estereotipadas [...] para que as crianças possam criar outras imagens. Desafiá-las, propor situações e problematizações visuais podem contribuir para a ampliação do repertório imagético infantil, caso contrário, as crianças irão continuar desenhando e se expressando da mesma forma, sem ousarem e arriscarem produzir outras formas.

A imagem exposta do sol com uma determinação de cor, assim como a escolha da cor da pele da bruxinha, são apenas alguns exemplos de como as crianças podem ser influenciadas por esses modelos muitas vezes não expressando seu próprio modo de desenhar essas imagens em função dos modelos fornecidos pela professora.

Isso me faz pensar que a problematização referentes a essas imagens padronizadas, podem enriquecer as experiências visuais e culturais das crianças, valorizando as informações trazidas. Refletindo sobre o uso de imagens nessa turma de Jardim percebi que o uso delas não faz parte do planejamento das atividades. As imagens expostas na sala de aula tinham seu espaço apenas no intuito de decoração, como analisa Cunha (2005). Ao questionar a professora sobre como foi realizada a escolha das imagens disponibilizadas nas paredes e murais ela relatou que a sala já estava “decorada” na chegada dela. Que possivelmente a professora anterior que “decorou” a sala. Então me coloco a refletir sobre como a atual professora se relaciona com as imagens selecionadas... Qual a sua participação na construção do repertório visual dessas crianças?

Ao mesmo tempo que a professora expõe as produções gráfico-plásticas das crianças na sala de aula, ela não promove nenhum tipo de análise destas. Análise

que poderia possivelmente oportunizar momentos de interação com os vários olhares referentes a uma mesma imagem. E qual seria a reação das crianças ao expor imagens trazidas por elas de casa... Qual seria a reação delas ao compará-las com as das outras crianças, analisando as possíveis preferências por personagens da moda e possibilitando o reconhecimento de uma diversidade imagética?

Essa diversidade de imagens poderia constituir um repertório visual significativo para as crianças. Através de sua problematização, e com a exploração de materiais expressivos poderia desenvolver os processos de criação infantis.

6 CONSIDERAÇÕES

Arte foi um assunto que sempre me encantou. Muito pouco abordado na minha formação, lembro que foram raras as experiências em artes de minha vida escolar, e mais raras ainda as de minha formação docente. Percebo que acabei me interando muito mais do assunto com base nos estudos que realizei para a construção deste trabalho do que durante o curso inteiro de graduação em pedagogia.

Fui em busca do que me completa. Sou criativa. Sou artista. E busco aprender para ensinar e assim, através do ensinar também aprender. Foi no toque do papel machê, no amassar de biscoitos, e no pintar da folha de papel que me construí criativa. Ao som da música Aquarela de Toquinho nascia alguém que é apaixonada por todo e qualquer tipo de arte. Alguém que ao pensar o fazer docente não só pensa com arte, mas pensa nele com a arte. Acredito que assim como aconteceu comigo, é através da exploração de materiais expressivos que se desenvolvem os processos de criação infantis.

Minha intenção nessa pesquisa foi de entender as concepções de ensino de arte da professora e as intenções dela nas ações pedagógicas com exploração de materiais expressivos. Observando como são desenvolvidas as ações pedagógicas, e como as crianças interagem com as propostas da professora.

Na busca por esses dados, pude perceber o quão importante são as mediações provocativas da professora. Como é necessária a intervenção do propondo desafios, e incitando diferentes maneiras de se utilizar um material que inicialmente parece tão simples, mas que se explorado de uma maneira diferente pode resultar em uma produção nova, única e peculiar, fazendo com que as crianças aprendam pela experiência. Aprendi a importância do processo e não somente do produto final. É durante a construção que as aprendizagens significativas acontecem.

Ao analisar as concepções da professora, percebo que se considera expressivista. Vê as artes como uma maneira das crianças se expressarem. Ao utilizar materiais expressivos tem a intenção de estimular a imaginação das crianças, mas em suas ações pedagógicas utiliza as produções grafico-plásticas no intuito de exercitar a psicomotricidade, apenas disponibilizando os materiais, não efetuando nenhum tipo de mediação e sequer participando das atividades com as crianças.

Compreendo que através das diversas situações de ensino de artes que posso apresentar para meus futuros alunos, tenho nas mãos uma importante oportunidade de desenvolver a criatividade em cada um deles, para que em diferentes situações, eles sejam capazes de resolver desafios e solucionar problemas.

Acredito que a docência pode ser como uma via de mão dupla, onde o ensinar e aprender faz parte tanto do educador quanto do educando. A professora também pode aprender muito com as crianças, havendo assim uma troca.

Na turma investigada, penso que as crianças eram curiosas, mas ao mesmo tempo tinham medo de transgredir possíveis regras impostas na turma. Muitas vezes não exploravam mais os materiais por uma contensão praticamente invisível que se mostrava apenas através das atitudes apreensivas das crianças ao realizar algo fora da proposta. Em relação às interações das crianças durante as propostas da professora, percebi que as aprendizagens acontecem durante as interações entre elas, e delas com os materiais. As crianças não tiveram oportunidade de interagir com várias propostas que a professora disse ter aprendido em sua formação, como por exemplo a utilização de tinturas com beterraba e outras substâncias, que ela relata ter tido conhecimento durante o curso de graduação, mas nunca ter praticado com sua turma.

A tinta é presença constante, camuflando os outros materiais possíveis para desenvolver os processos de criação infantis. Ela também é utilizada sempre da mesma maneira, sem novidades de suportes e sequer da forma como é explorada.

As imagens expostas na sala de aula em alguns casos ditam padrões. Uma abordagem problematizadora com imagens diversificadas poderia suscitar na construção dos repertórios visuais das crianças auxiliando no desenvolvimento da criatividade.

Observei que as formas de ensinar arte ainda estão ancoradas em um ensino de “resultados” que se distanciam das formas contemporâneas do ensino de arte, no intuito de desenvolver o imaginário. Considero que a arte não é valorizada nesta turma. Percebo um equívoco na visão de arte, confundindo-a com um mero disponibilizar de materiais expressivos. A falta de mediações provocativas pode acabar por banalizar o ensino desta área tão importante.

Como possíveis desdobramentos para essa pesquisa, poderiam ser investigados os motivos da arte não ter espaço nas escolas, ou como as estudantes de pedagogia são preparadas para ensinar artes.

Eu acredito que através da arte e da manipulação de materiais expressivos, podemos possibilitar um exercício do pensar que desenvolva os processos criativos, e utilizo das palavras de Duarte Jr (2003, p. 86) para dizer que: “... o ato criador é rebelde e subversivo – é sobretudo um ato de coragem. Coragem de não aceitar o estabelecido, propondo uma nova visão, uma nova ordem, uma nova correlação de forças”. Penso que através do ato de criar a criança pode se expressar e através das interações criança-criança, criança-material expressivo, criança-professora, as relações se tornem possíveis e as aprendizagens enriquecedoras.

7 REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental; Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil Brasília:MEC/SEF, 1998.

CAVALCANTI, Zélia. Arte na Sala de aula. Porto Alegre, RS: ARTMED 1995

CUNHA, Susana Rangel Vieira da . *Pintando, bordando, rasgando, desenhando e melecando na educação infantil*, in CUNHA, Susana Rangel Vieira da (org) Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Mediação, 2004 – 4ª edição

_____ Cultura Visual e Infância: quando as imagens invadem a escola...MARTINS, Raimundo. TOURINHO,Irene (org) Santa Maria: UFSM, 2010.

_____ *Educação e Cultura Visual: Uma trama entre imagens e infâncial*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.Tese de Doutorado de Pós Graduação em Educação – Universidade federal do rio Grande do Sul. Porto Alegre 2005.

CAMARGO, Luis. *Sobre arte-educação*, in D'ANTINO, Cecília. GODOY, Maria Cristina, REILY, NOGUEIRA, Ana Maria. Lucia. YOLANDA, Regina. *Arte-Educação: da pré-escola à universidade*. Studio Nobel,1989.

D'ANTINO, Cecília, O barro e a expressão excepcional. in D'ANTINO, Cecília. *et al Arte-Educação: da pré-escola à universidade*. Studio Nobel,1989.

DIEFENTHÄLER, Daniela da Rosa Linck, “A gente pode fazer casa do jeito que a gente quiser”? *Ações Propositoras e Materiais Provocadores ampliando o imaginário infantil*, Porto Alegre: UFRGS, 2009. Dissertação de Mestrado de Pós – Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

DUARTE Jr., João Francisco. Por que arte-educação? – Campinas, São Paulo: Papirus, 14ª edição, 2003

GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel J. *Investigação Etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

GIRARDELLO, Gilka. Dossiê Interlocução possível: Arte e ciência da educação da pequena infância. *Imaginação: arte e ciência na infância*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072011000200007&lang=pt

IABELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte: Sala de aula e formação de professores* – Porto Alegre: Artmed, 2003

LOPONTE Luciana Gruppelli . *Artes de si na docência: gênero, Artes Visuais e escrita*. Disponível em: 21º Seminário Nacional de Arte e Educação A Compreensão da Arte: Desafios de Possibilidades.2008

MARTINS, Miriam. PICOSQUE, Gisa. GUERRA, M. Terezinha. *Didática do ensino de arte: A língua do mundo, poetizar, fruir e conhecer arte* - São Paulo: FTD, 1998.

MELO, Cristiane P de Oliveira. *O papel mediador do professor no processo de ensino aprendizagem da arte na educação infantil*, in PILOTTO, Silvia Sell Duarte. SCHRAMM, Marilene de Lima Körting. *Reflexões sobre o ensino das artes*. Joinville, SC: Univille, 2001

PILOTTO, Silvia Sell Duarte. *Epistemologia do ensino-aprendizagem da arte*, in PILOTTO, Silvia Sell Duarte. SCHRAMM, Marilene de Lima Körting. *Reflexões sobre o ensino das artes*. Joinville, SC: Univille, 2001

RICHTER, Sandra, *Manchando e narrando: o prazer visual de jogar com cores*, in CUNHA, Susana Rangel Vieira da (org) *Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança*. Porto Alegre: Mediação, 2004, 4ª edição

SCHRAMM, Marilene de L. K. *As tendências pedagógicas e o ensino-aprendizagem em arte*, in PILOTTO, Silvia Sell Duarte. SCHRAMM, Marilene de Lima Körting. *Reflexões sobre o ensino das artes*. Joinville, SC: Univille, 2001

8. APÊNDICES

8.1. APÊNDICE 1

Roteiro de perguntas da entrevista:

- Nome e idade
 - Qual a formação local e tempo ?
 - Quanto tempo está na turma?
 - Quais turmas já trabalhou?
 - Como tu pensas as tuas aulas?
 - Como escolhes o que vai ser trabalhado e que tipos de trabalhos serão desenvolvidos? De onde vêm tuas ideias para as propostas?
 - Utiliza quais tipos de materiais? O que define essas escolhas?
 - Quais as intenções da utilização desses tipos de materiais?
 - Como é realizada a seleção dos materiais disponíveis para a turma? Gostaria de alguma mudança?
 - O que pensa sobre as artes na educação infantil?
 - Realizou algum curso específico nesta área?
 - E durante a tua formação como professora, lembra de ter estudado algo especificamente sobre arte na infância?
 - Quais tuas lembranças sobre aulas de arte na tua vida escolar?
 - Costuma frequentar espaços de arte?
 - Preparando as aulas, as artes estão presentes? Como? Por quê?
 - Tu achas que trabalhar com artes na educação infantil irá influenciar em alguma coisa no futuro dessas crianças? Como?
-

8.2. APÊNDICE 2



FACULDADE DE EDUCAÇÃO CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, Rosinara Oliveira, estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizo uma pesquisa denominada EXPLORAR E CRIAR COM MATERIAIS: práticas expressivas na educação infantil

Essa pesquisa faz parte do meu trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da UFRGS a realizar-se no ano de 2012. Busco investigar qual o espaço tem a arte e a exploração de materiais expressivos na sala de aula, fazendo um paralelo entre a visão da professora e dos alunos no que se refere à essa temática. Por meio de entrevista semiestruturada com a professora pretendo compreender a sua visão sobre arte, e entender como ela aborda esse tema em sala de aula, assim como questioná-la sobre quais os tipos de materiais expressivos ela disponibiliza para as crianças, como acontecem esses momentos e quais as suas intenções ao planejar essas atividades. Pretendo através de conversas com os alunos explorar suas falas referentes à suas criações, buscando entender quais as suas percepções referentes à exploração de diferentes materiais expressivos e quais suas preferências. Como suporte teórico busco embasamento nos estudos sobre exploração de materiais, e formação de professores, (CUNHA 2002 e IAVELBERG, 2003), pois entendo que o importante é o processo de aprendizagem através da exploração, e o professor é fundamental na mediação desse processo, oportunizando momentos de interação tanto com os materiais, quanto com os colegas e com o ambiente que engloba todo esse processo.

Sobre os Cuidados éticos:

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho, efetuando pessoalmente observações com as crianças, assim como a informar

devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento que eventualmente o participante venha a ter.

Os dados e resultados individuais desta pesquisa estarão protegidos sempre que os participantes optarem por sigilo ético, não sendo mencionados seus nomes em nenhuma apresentação oral, ou trabalho escrito, que venha a ser publicado.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

Eu _____, R.G. sob
nº _____,

autorizo meu filho/ filha _____ (nome
legível da criança)

a participar desta pesquisa.

Assinatura do Responsável

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura Prof^a Dr^a Susana Rangel Vieira da Cunha

_____, _____ de _____ de _____.

Sendo assim, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento através do telefone (51) 85784616.

Obrigada,
Rosinara Oliveira
